

VARZEA, Virgílio. Cruz e Souza. *A Republica*, Florianópolis, 24 mar. 1923.

CRUZ E SOUZA

O meu primeiro encontro com Cruz e Souza deu-se teria eu doze anos e ele dezessete. Foi em 1876, em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Celebrava-se o aniversário de um dos dois teatrinhos de rapazes que lá então existiam, cujos nomes não me ocorrem agora. Um tinha a sua sede à antiga rua do Príncipe (hoje Conselheiro Mafra) ao rés do chão do sobrado do antigo capitão de navio e capitalista Manoel Moreira da Silva, principal chefe do partido conservador da provincia; o outro à rua da Paz (atualmente Conselheiro Jeronymo Coelho) no porão da residência do sr. A. Fialho, conferente da Alfandega. Deste era orador Cruz e Souza e daquele o subscriptor desta crônica, a quem coube saudar, em nome da sua sociedade dramática, a diretoria da outra. Respondeu-lhe Cruz e Souza.

Desde então nos fizemos amigos.

Mas em janeiro do ano seguinte embarquei para aqui a matricular-me no Colégio Naval, com destino à Marinha de Guerra. Volvi à provincia dois anos depois, partindo de novo para aqui passados meses. Nos fins de 1891 estava de novo em Florianópolis, após deixar os estudos e consumir dois anos na boemia do mar como praticante de piloto, em navios mercantes, em viagens ao Prata, a Havana e às ilhas de Cabo Verde.

Logo ao dia da minha chegada visitou me Cruz e Souza. E passamos essa tarde e boa parte da noite a palestrar sobre letras, lendo-me elle com entusiasmo suas mais recentes produções em verso. Dias depois dedicava-me uma delas, pela *Regeneração*. Era de uso corresponder a tal fineza no mesmo gênero, pudesse ou não pudesse o homenageado. Como responder àquella graça se eu nunca havia manejado uma pena, sobretudo em verso?

Aflito e só, sem ninguém a quem consultar, supliciei-me horas e horas a perpetrar uns versos. Consegui, por fim, produzir duas ou três estrofes que me pareceram sofríveis e lá mandei, com uma carta, à redação da mencionada folha.

No outro dia apareceu Cruz e Souza, expansivo e alegre, a agradecer e abraçar-me. Eu corava a desculpar-me como podia, enquanto elle, comunicativo e a rir-se dizia-me:

— Não. Estreaste muito bem. Não esperava tanto. Agora, é proseguir com coragem...

E assim me fiz escrevinhador, entrando a cultivar a prosa em que me senti melhor e na qual permaneci até hoje.

Cruz e Souza apresentou-me em seguida a Santos Lostada, empregado no comércio, numa casa que passou logo a ser o nosso primeiro Cenáculo. Aí nasceu a idéia de publicarmos um pequenino hebdomadário literário. Imediatamente passamos à ação. E o 1º. número do *Colombo* saiu com um artigo de apresentação da lavra dos três, um romancete inédito de Cruz e Souza, uma poesia de Santos Lostada e uma poesia minha que era simplesmente péssima, e da qual ainda hoje tenho remorso.

Cruz e Souza fora criado e educado pelo ilustre marechal catarinense Guilherme Xavier de Souza, urn dos grandes herois do Paraguai, de quem seu pai, que tinha o nome daquele marechal, e sua mãe Carolina de Souza haviam sido escravos. A sua infância decorrera, sob todos os confortos e carinhos, no palacete e imensa chácara dessa personagem, uma das vivendas mais graciosas de Florianópolis, situada no antigo e amplo largo da Maçonaria. Por sua morte, o marechal deixou um pequeno legado em dinheiro aos pais de Cruz e Souza e uma parte do seu velho solar. Aí passei eu horas durante alguns anos, com Cruz e Souza, a ouvir os seus belos

versos a sombra das velhas e copadas mangueiras que pautavam e sombreavam deliciosamente as aleias desertas desse vasto parque.

Cruz e Souza, acabado o curso do Ateneu, abriu em sua casa uma aula noturna para adultos e, durante o dia, lecionava, aqui e além, pelos lares, que lhe pediam ensinamento, graças à fama de “grande talento com que o haviam abroquelado dois dos professores mais notáveis dessa instituição de ensino secundário — Fritz Müller, eminente naturalista e matemático alemão, que foi correspondente do nosso Museu e um dos célebres colaboradores de Darwin, autor dos melhores estudos que se conhecem sobre a flora e fauna catarinenses, e o padre Leite de Almeida, venerando humanista, profundamente versado em línguas orientais, os quaes o tiveram, durante todo o curso como “discípulo amado” e de quem dissera o primeiro, uma vez em aula:

— João da Cruz. tu està um grande talenta e tu vaes ser na futuro, um home illustra da Brasil.

Nas horas em que não lecionava Cruz estava sempre conosco — comigo Lostada — na casa de comércio que este trabalhava. Os primeiros artigos para o *Colombo* aí foram escritos, no meio da algazarra dos freguezes e das nossas palestras literárias, tomando também parte nelas dois filhos do patrão — Horácio e Adolfo de Carvalho, então preparatorianos que se destinavam a cursos superiores, chegando o primeiro a fazer dois anos da Faculdade de Medicina. Horácio especialmente, foi um dos nossos mais queridos camaradas até 1890, em que com a minha partida para aqui, seguida da de Cruz e de Souza e Horácio de Carvalho, se dissolveu esse pequeno grupo literário denominado por nós mesmos como “A Guerrilha de letras catarinenses”.

Antes disso, porém, a “Guerrilha” collaborara longa e ativamente nas principais folhas diárias de Florianópolis, como a já citada *Regeneração*, *Jornal do Commercio*, *Despertador*, *Tribunal Popular*, e outras mantendo uma folha caricata, intitulada *O Moleque*, de que era proprietario Pedro Paiva, um talentoso jovem português empregado no comércio, cuja paixão pelo jornalismo e as letras levou-o dentro em pouco ao seio da “Guerrilha”, onde se tornou queridíssimo e onde logo lançou a ideia do citado jornal caricato, para o qual desde logo alugou casa, comprou uma máquina de impressão litográfica, uma pequena tipografia e, fazendo-se ele próprio impressor, lançou o primeiro número redigido, e desenhado pelo autor destas linhas.

Cruz e Souza estava então em excursão pelo norte do país, como secretário da Companhia Dramática Julieta dos Santos dirigida por um dos nossos melhores companheiros Moreira de Vasconcellos (Francisco), que além de ator de grande mérito, era poeta e prosador de renome, e dramaturgo que deixou mais de trinta obras de valor entre as quais o drama *O descobrimento do Brasil*, escripto para comemorar o tricentenário¹ dessa data gloriosa da nossa história e que foi premiado pelo governo da Bahia, em concorrência com muitas outras obras que nesse sentido ali apareceram, entre as quais uma firmada pelo illustre *conteur* e romancista Xavier Marques.

Na administração Gama Rosa (1883-84), Cruz e Souza regressava da sua excursão ao norte do Brasil. Cruz voltou à terra natal, já não encontrando no governo o eminente politico e pensador que tão espontaneamente protegera as letras catarinenses chamando para seus officiais de gabinete, apenas chegara à província e assumira o seu cargo, a mim e a Santos Lostada, tendo, logo depois, telegrafado para a capital do Pará oferecendo ao grande poeta dos *Faróis* o lugar, que, por este tempo, vagara, de promotor público de Itajaí. Cruz, não se sabe bem por que, agradeceu mas não aceitou o oferecimento.

Durante o governo do dr. Gama Rosa, que marca a mais brilhante fase psicológica e política da vida catarinense dos fins do Império, a “Guerrilha” teve a sua grande fase ascensional e de suprema expansão.

¹ Muito provavelmente, neste ponto, Virgilio Varzea quis dizer “quadricentenário” e não “tricentenário”.

Sobre essa época e o grupo de artistas da palavra escrita que nela se assinalavam escreveu João do Rio (Paulo Barreto) uma das suas mais sugestivas crônicas, de onde destacamos o seguinte pequenino e expressivo trecho referindo-se especialmente a Cruz e Souza.

“Ele pertencia àquela época em que o dr. Gama Rosa, presidindo Santa Catarina, deu ao Brasil uma fornada de letrados”.

À sua volta, Cruz e Souza entrou a redigir conosco a *Tribuna* e *O Moleque*, esmaltando brilhantemente as suas páginas com uma prodigiosa produção de artigos e versos admiráveis que eram brilhantemente transcritos, de sul a norte, pela imprensa de todo o Brasil

Data daí um grande número de trechos de prosa de que se compõe o seu primeiro livro publicado *Missal*.

Quando eu e Cruz e Souza de parceria e na mais fraterna camaradagem redigíamos a *Tribuna Popular* entrou para a “Guerrilha” Oscar Rosas, que passou a colaborar assiduamente naquella folha com as suas interessantíssimas correspondências e os seus originais e magníficos versos.

E então todo o velho mundo jornalístico e romântico de Santa Catarina foi abalado de *fond en comble*. E súbito as “sovas” e malquerenças entraram a chover sobre nós, desapiedadamente, sobre nós que “lançávamos o incêndio e o terror por toda a parte”, como diziam os nossos adversários, mas que logramos de certo modo modificar os velhos usos e costumes fósseis da terra, dando-lhe um arcabouço social novo e formas originais e belas, sem dúvida, ao seu jornalismo e letras.

Luiz Delfino à época, quase inteiramente esquecido e em quem já nem os parentes e velhos amigos falavam, voltou a radiar então quase diariamente pelas colunas dos nossos jornais pioneiros, qual a *Tribuna* e *O Moleque*, e por aqueles em que mais ou menos dominávamos como *A Regeneração* e o *Jornal do Commercio*.

Entraram então para o nosso grupo o velho e grande jornalista e orador político Eliseu Guilherme, atual deputado federal, Lídio Barbosa, ao tempo muito jovem, também jornalista e tribuno que entrava de assinalar-se pela sua fremente e tenaz propaganda republicana, Araújo Figueiredo, hábil desenhista e encantador e admirável poeta das *Praias da minha terra*, Carlos de Faria e outros, e alguns mais que lá estão, numa coorte promissora e luminosa, a trabalhar o filão de ouro precioso do decadismo e futurismo.

Publicamos aí, na fase chamada por nós enfaticamente de “Era da Tribuna Popular”, como para assinalar justa e convenientemente; publicamos aí, Cruz e Souza e eu, uma pequena brochura literária *Tropos e fantasias*, o nosso primeiro livro, que tanta emoção nos deu, sobretudo depois que Araripe Junior e Eduardo Salamonde, bem assim as principais folhas de Lisboa e Porto, dele se ocuparam tão generosa e fulgidamente.

Cruz e Souza habitava nesse tempo à Praia de Fora — o bairro mais pitoresco e fidalgo de Florianópolis — num largo que abre para o mar, onde há uma ponte sobre um ribeiro ou riacho que vem por um vale coleando entre colinas, e que tem ao fundo, sobre um pequeno outeiro arborizado, a capelinha de S. Sebastião.

Nesse largo, fechado junto ao mar por duas vivendas fidalgas de ricos negociantes alemães e atravessado pela rua Quintino Bocaiúva, ficava, além da ponte a meia-água rústica desse meu querido e ilustre companheiro de infância e de letras.

Aí, pela tarde, quase diariamente Carvalho, Santos Lostada, Carlos de Faria (belo poeta que morreu muito moço na Laguna) e Araújo Figueiredo, em palestras e leituras literárias inolvidáveis.

Era à sombra de uma grande árvore que à margem daquele riacho se debruçava alegremente e que, uma vez fechado o pequeno desaguadouro ou embocadura, pela época das

marés baixas ou pequenas marés espalhava n'água em comum a sua larga fronde rendilhada, que dançava e zoeirava ao vento.

Os que passavam olhavam-nos curiosamente, pasmos da nossa algazarra incessante, dentre a qual subiam para o céu, em esfuziadas, como flechas de ouro ou foguetes de gala, os nomes refulgentes dos prosadores e poetas que mais amávamos e nos eram supremos guias — Flaubert, Zola, Daudet, os Goncourt, Richepin, François Coppée, Rollinat, em França, e Eça, Ramalho, Guerra Junqueiro, Anthero de Quental, Macedo Papança, Oliveira Martins e outros, em Portugal.

O público ficou chamando desde então a tal árvore, para a assinalar convenientemente ou, quem sabe, pejorativamente — a “Árvore dos Poetas”.

Ela deve ainda lá estar, enxameada de pássaros, batida de sol, a espeIhar-se no seu ribeiro querido, já esquecida, talvez, do esturdioso grupo de juvenis sonhadores e poetas que tanto e tanto a amaram, e que hoje, já velhos e desiludidos de tudo, morto o seu companheiro adorado, o grande Poeta Negro, só a vêm pela imaginação, pela lembrança branca através a névoa da sua saudade.

Em fins de 1891, Cruz e Souza veio, de vez, para o Rio.

Já lhe tinham morrido pai e mãe, pobres e santos velhinhos!

Já lá também não havia um só dos seus grandes e queridos amigos. Luiz Delfino, Oscar Rosas, Araújo Figueiredo e eu, estávamos cá, todos (à excepção do primeiro; que era já quinquagenário e rico) a mourejar pela vida, cheios de esperanças e sonhos. Lostada advogava em Itajaí, Lídio Barbosa, que tinha feito a República em Santa Catarina, pelo seu verbo e os seus artigos arrojados, apenas burocratizava obscuramente na cidade onde nasceu Lauro Muller.

Cruz aqui chegou, e ficou. Mas o que sofreu, pobre delle!

Felizmente fez a sua obra, criou uma escola e deixou amigos.

Esses amigos são os que sempre o cercaram, o ampararam carinhosamente. Eles aí estão e o apoteosam hoje.

Benditos sejam!

Virgílio Várzea